

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 37

2020

Nº 230

JANEIRO - FEVEREIRO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Rua das Pedralvas, nº 1-A	A pedra angular	5
1500-487 Lisboa	Deus de vivos	7
Telefone : 217 647 441	Texto dos Evangelhos	10
	Aprendendo com as Epístolas	15
*	Meu Cristo (Poema)	16
Director Responsável :	Um só rebanho...	19
Manuela Vasconcelos	Uma Mensagem	24
	O Tempo	27
	Proposta para o Novo Ano	28

*

Distribuição Gratuita

*

EDITORIAL

E aqui estamos de novo, todos nós, mais um ano vencido e preparando-nos, melhor ou pior, para recomençar a contagem de um outro, novo, que ignoramos como terminará... mas, verdade, verdade, nenhum de nós, por muito sábio que seja, sabe como terminará, ao menos, o dia que hoje começámos! Sabemos como acordámos, com que disposição abandonámos o leito, como foi que vivemos as primeiras horas, que programa estabelecemos para as restantes – até o darmos por terminado e procurarmos novo repouso – mas aquilo que poderá acontecer e foi ou não foi programado está, como se costuma dizer, no segredo dos deuses!

Nesta ignorância convém-nos, pois, a cada um de nós, duas coisas muito importantes: a primeira é a de sermos ou estarmos bem firmes na nossa fé, para que tudo o que surja seja aceite senão como sendo a vontade de Deus, pelo menos como uma prova que Ele autorizou fosse colocada no nosso caminho para que pudéssemos, com a mesma, demonstrar a nossa atenção ao que nos vai surgindo, levando-nos a uma reacção positiva que a ajude a vencer – ou viver, enquanto nos seja determinado; a segunda, é a de tentarmos, cada um de nós, viver o dia a dia procurando cumprir sempre com a Lei Divina e, para o fazer só temos que ter em conta, não o cumprimento do seu primeiro mandamento, que deve ser sempre presente, mas a vivência do segundo porque, se tivermos a preocupação de o viver plenamente, então todos os outros, que lhes são sequentes, estarão sempre cumpridos.

Uma das coisas que muito nos preocupa, na vivência dos Mandamentos da Lei, é a relação entre pais e filhos e isto porque os

segundos, esquecidos do Amor, que deve ser recíproco, só vêm nos pais aqueles seres que poderão – apesar de já velhinhos – aliviar o peso das suas tarefas, seja com o auxílio físico e material, seja com a ajuda que sempre esperam quando lhes pedem que lhes fiquem com os filhos... ou porque chegaram as férias escolares e não têm onde os deixar; ou porque estão cansados e precisam descansar! E os pais velhinhos – os avós que adoram os netos – vão fazendo das fraquezas forças, recebendo e amando e ajudando aquelas crianças que muitas vezes, infelizmente, são consideradas estorvo pelos pais que apenas querem, de qualquer maneira, libertarem-se dos pequenos seres que a Providência Divina lhes concedeu e pelos quais são responsáveis.

Depois destas duas coisas preocupa-nos ainda e não sabemos dizer se mais se menos em relação às primeiras, o Mandamento ‘não matar’, não só pelos crimes que quase diariamente acontecem, como se a vida não devesse ser valiosa para todos nós, mas em função dos suicídios que vão acontecendo, devido talvez a um sofrimento maior provocado por uma qualquer doença, ou pelo desconforto que quem o pratica sente da própria vida, que não soube orientar ou que não está a saber viver, face a um desemprego, desgosto ou qualquer outra contrariedade que não se quer enfrentar!

Preocupa-nos... aquela recomendação do Divino Amigo quando disse “*Se tiveres fé como um grão de mostarda dirás à montanha que se mova e ela mover-se-à*”, que não está a ser percebida no seu todo (a montanha será sempre a das dificuldades que nos surjam no caminho) porque cada um que desiste da luta o que mais deve procurar em si – e não o faz – é a fé que lhe dará sempre forças para não soçobrar no seu dia a dia, e tudo isto acontece quando cada um se esquece de ir fomentando mais e mais essa mesma fé!

Então, neste princípio de um novo ano – e porque cada vez se fala mais na transformação do Planeta, que deixará de ser de provação e sofrimento para ser de regeneração – aliciamos todos os nossos leitores para que sejam os “novos apóstolos da Verdade”, ajudando todos aqueles que cruzem os seus caminhos, sejam amigos, familiares, conhecidos ou apenas presenças casuais numa qualquer localidade, lançando cuidadosamente ou até pelo exemplo, a semente de uma vivência melhor. Creiam que é fácil... basta querer-se, e o resto (a inspiração) virá por acréscimo! É que o Planeta que continuará a dar-nos a possibilidade de aqui estacionarmos temporariamente só o fará para os que o mereçam, não para todos os que apenas querem ... uma boa vida sem sofrimento de qualquer espécie!

Desejamos, então, para todos, um novo ano com muitas realizações espirituais, que serão sempre a consequência de muita Paz e Amor e tudo o resto que surgiu por acréscimo! Feliz Ano para todos!

A DIRECÇÃO

*

MOMENTO DE KARDEC

Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da Humanidade.

*

A PEDRA ANGULAR

O Reino do Céu será dado a uma nação que dê os seus frutos

Não lestes jamais isto nas Escrituras: a pedra que os edifícios rejeitaram se tornou a principal pedra do ângulo? - JESUS – (Mt., 21:42).

Se Jesus chegasse à Terra nos dias de hoje, encontraria pela frente os mesmos ‘*edificadores*’ a rejeitar a *Pedra Angular*.

O Espiritismo, que é o *Consolador* prometido por Ele, deveria congregiar em suas hostes, desde a sua génese, toda a cristandade. Entretanto, não foi assim que aconteceu. Inúmeras são as criaturas que O anatematizam, incluindo-se, aí, os *edificadores* de várias denominações religiosas que constituem as subdivisões das correntes do Cristianismo.

Assim como acusaram Jesus de ter parte com o demónio (Mt., 12:24), hoje – os mesmos fariseus reencarnados – acusam ser do demónio a Doutrina Espírita.

Em Sua didáctica singular, Jesus ministrava os ensinamentos de forma diferenciada para o vulgo, falava por parábolas, principalmente quando se tratava das questões mais abstractas de Sua Doutrina; porém, para os discípulos, Ele desenvolvia o Seu pensamento. Por serem eles mais adiantados, moral e intelectualmente, o Mestre dos Mestres pode iniciá-los no conhecimento de Verdades mais abstractas, transcendentais, que escapavam da craveira horizontal do entendimento obtuso do povoléu. Daí o ter dito¹: *‘porque àquele que tem, se dará e terá em abundância; mas aquele que não tem, até aquilo que tem lhe*

será tirado. Por isso lhes falo por parábolas, porque eles, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem nem compreendem’.

A didática de Jesus continua a mesma; e, sem dúvida, os espíritas temos mais, e mais ainda nos será acrescentado, visto que não rejeitamos a *Pedra Angular*.

Quanto cépticos duvidam da existência de Deus, dos Espíritos, da Imortalidade da Alma, da Pluralidade das Existências, da Pluralidade dos Mundos Habitados, da Comunicabilidade dos Espíritos!... Todas essas questões, para nós, Espíritas, são pontos pacíficos; mas, que sorte estará reservada para os anatematizadores que não se dobram a essas realidades?! Para esses, restam as palavras de Jesus²: *‘portanto, eu vos digo que o Reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos’.*

1 – Mt., 13:12 e 13;

2 – Mt., 21:43.

ROGÉRIO COELHO
Manhuaçu - M. Gerais – Brasil

*

MOMENTO DE KARDEC

As tribulações da vida têm, pois, uma causa; e como Deus é justo, essa causa também deve ser justa.

*

DEUS DE VIVOS

“Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo”. – Mateus, 16:16

O mundo contemporâneo está repleto de inovações e inovadores. A cada passo deparamos com teorias esdrúxulas e até incompatíveis com a razão, cada uma delas acenando ao homem com ideias tão transitórias quanto os próprios homens que as lançaram. São ideias ou doutrinas suscitadas e sustentadas por pessoas, as quais têm prevalência tão somente enquanto essas mesmas pessoas estiverem na Terra, mas que são derrotadas no tempo e no espaço tão logo os seus idealizadores adentrem o limiar do túmulo.

Uma aberrante teoria, que conseguiu arrebanhar adeptos no seio mesmo de tradicionais comunidades religiosas de determinadas nações, formando agrupamentos aqui e acolá, consiste numa legenda há algum tempo lançada pela imprensa e sustentada por aqueles grupos, a qual reclama que Deus está morrendo. Esses homens pretendem dar vida a um utópico Cristianismo sem Deus, ou seja, um Cristianismo ateu.

O Espiritismo, doutrina cuja codificação tem pouco mais de cento e vinte anos¹, como não poderia deixar de ser, repele essa teoria extravagante e atentatória ao bom senso. Concorda, entretanto, que quem está morrendo é o deus herdado dos primitivos hebreus e do paganismo, aquele deus cheio de predileções, eivado de parcialidade e de propensões profundamente humanas, que conseguiu habitar os altares dos povos, desde os idos imemoriais até recentemente, quando a Doutrina Espírita veio revelar um novo conceito de Deus.

O deus que está morrendo é o deus dos exércitos dos antigos israelitas, o deus das circuncisões, o deus das penas eternas, do pecado original, dos dogmas, do céu beatífico, das penitências e dos

holocaustos. Está perecendo o deus que presidia a um universo acanhado e circunscrito, o deus que aplaudia as cruzadas, as inquisições, as fogueiras depuradoras da idade média, o monopólio religioso e outros prejuízos. O deus rancoroso, vingativo, zeloso, irado, que habitava um céu privilegiado, guardando em seu recesso, juntamente com a multidão de almas boas, um contingente não menos vultoso de almas homicidas, pecaminosas, sanguinárias e prenas de ódio, que ali estaria meramente por terem servido a determinados interesses religiosos na Terra; o deus que fechava esse mesmo céu a outro contingente de almas boas e generosas, cujo único delito consistiria em não concordar com os postulados sustentados por uma ramificação religiosa paralela.

O que está morrendo é o deus personificado no Jeová bíblico, nas formas mais primitivas da adoração, o deus de Torquemada, o deus do ódio, da vingança, das pragas, das noites de S. Bartolomeu, das torturas, das lutas religiosas. O Espiritismo, por outro lado, apresenta-nos o Deus eterno, criador de todas as coisas, o Deus de Jesus Cristo, o Deus Desconhecido que Paulo de Tarso revelou aos atenienses, o Deus de misericórdia e de amor apregoado por Francisco de Assis, por Vicente de Paula e por outros milhares de missionários do amor e da tolerância.

O Deus que vive, e que o Espiritismo proclama, é o Deus uno, indivisível, criador do universo e da vida, soberanamente justo e bom, o Deus que Jesus Cristo nos revelou através de singelo colóquio com a Mulher Samaritana, o Deus que deseja ser adorado pelos verdadeiros adoradores, o Deus que norteia os rumos de todas as criaturas situadas em qualquer escola religiosa, que o aceitam em Espírito e Verdade, conforme preceituou o Evangelho de João (4:24), sem os prejuízos que lhe atribuíam no passado, o Deus que está presente nas múltiplas moradas do Universo, o Deus vivo, o Deus actuante, o Deus que não quer seus filhos em adoração estática, mas em acção dinâmica,

trabalhando e servindo, cooperando e vibrando, trabalhando e progredindo.

Uma diferença fundamental existe entre o deus que está morrendo, o deus do homem velho e enraizado nos antigos preconceitos, o deus que preencheu a sua finalidade histórica, o deus moldado segundo o figurino e as conveniências de agrupamentos religioso, o deus que sofria mutações de conformidade com a evolução da Humanidade, o deus antropomorfo, e o Deus que vive e vibra nos nossos corações, o Deus dos homens novos, libertos de preconceitos, das superstições, das adorações exteriores, dos vãos tradicionalismos, o Deus que não nos considera como servos, mas, sim, como filhos. **O Deus que não dá uma pedra a seu filho que lhe pedir um pão, ou uma serpente a quem lhe pedir um peixe**, segundo o sábio e judicioso dizer do evangelho.

Nos tempos remotos, Deus era compreendido na forma antropomorfa. Na actualidade, é pressentido porém continua a ser inconcebível em sua forma, mas, no futuro será sentido em sua forma espiritual e verdadeira.

O que está morrendo é o deus limitado, para ceder lugar ao Deus ilimitado.

PAULO ALVES GODOY

(In: O Evangelho pede Licença – Ed. da Federação Espírita do Estado de S. Paulo, 2ª ed., Abril de 1990, cap. 1, Pág. Relevantes).

1 – (N. da R.): realmente, não passaram 120 anos, mas vamos a caminho dos 163. A actualidade deste artigo, face ao que observamos por todo o Mundo, levou-nos a transcrevê-lo na nossa Revista como um momento

de meditação a fazer-se neste início de um novo ano. É necessário que no nosso coração, liberto das fantasias mistificantes de um passado que só nos prejudicou, viva permanentemente o Deus Vivo, o Deus Verdadeiro!

*

TEXTO DOS EVANGELHOS

(...) Segundo o relato dos evangelistas, entre o nascimento de Jesus e o início do seu ministério público, houve um período de “cerca de trinta anos” (Lc., 3:23). A elasticidade dessa expressão, porém, pode ser constatada quando se confronta essa passagem com aquela narrativa do evangelho de João, na qual os judeus dizem: “Ainda não tens cinquenta anos, e dizes ter visto Abraão” (Jo, 8:57).

Nesse caso, a única conclusão possível, com base nesses relatos, é de que Jesus desenvolveu seu ministério com idade entre trinta e cinquenta anos. Mas podemos reduzir esse intervalo.

No que diz respeito à data do nascimento de Jesus, merece ser transcrito o extraordinário texto de Humberto de Campos (Crônicas de Além-Túmulo, cap. 15, pgs. 89/90):

“(...) O Senhor chamou o Discípulo Bem-Amado ao seu trono de jasmims matizado de estrelas. (...) – João – disse-lhe o Mestre -, lembras-te do meu aparecimento na Terra? – Recordo-me, Senhor. Foi no ano 749 da era romana, apesar da arbitrariedade de Frei Dionísio, que, calculando no século VI da era cristã, colocou erradamente

o vosso natalício em 754. – Não, meu João – retornou docemente o Senhor -, não é a questão cronológica que me interessa, ao te arguir sobre o passado. É que nessas suaves comemorações vem até mim o doce murmúrio das lembranças!... – Ah! Sim, Mestre Amado – retornou pressuroso o Discípulo -, compreendo-vos. Falais da significação moral do acontecimento”.

Assim, consoante a revelação espiritual, pelas mãos do respeitável médium Francisco Cândido Xavier, Jesus nasceu no **ano 749 da era romana**.

O primeiro ano do calendário gregoriano (Anno Domini – Ano D), actualmente em vigor no mundo ocidental, corresponde ao ano 754 U.A.C. (ano da fundação de Roma). Observando essa sequência, 753 U.A.C. = 1 a. C.; 752 U.A.C. = 2 a. C.-; 751 U.A.C. = 3 a. C.; 750 U.A.C. = 4 a. C.; e 749 U.A.C. = 5 a. C.. Desse modo, é lícito concluir que o nascimento do Mestre se deu no **ano 5 a.C..**

Considerando que seu nascimento se deu no Outono/inverno do ano 5 a.C., é possível estabelecer que sua missão pública entre os homens desenvolveu-se entre os anos 25 a 45 d. C.. O intervalo é excessivamente extenso, e ainda pode ser reduzido, com base em outros dados.

Jesus foi crucificado quando Pôncio Pilatos era procurador da Judeia (Tácito, *Anais*, XV 44; Flávio Josefo, *Antiguidades*, XVIII 63; Relato dos Evangelistas), ou seja, entre 26 a 36 c. C.. Já conseguimos uma considerável redução no intervalo.

João Batista iniciou seu ministério no ano décimo quinto, de Tibério César (Lc., 3:1). Levando-se em conta as divergências na fixação dessa data, (Revista Reformador, FEB, de Junho 2008, p.30), tal facto ocorreu entre os anos 27 a 29 d.C..

Jesus, por sua vez, deu início ao seu ministério público após João Batista ter iniciado o seu. Computando-se um período razoável de duração do ministério do Cristo, o ano da sua morte, na opinião da maioria dos pesquisadores, deve-se situar entre os anos 29 a 34 d.C..

Nesse caso, houve uma redução drástica daquele intervalo temporal inicialmente proposto.

Nesse ponto, julgamos oportuna a transcrição de pequeno trecho sobre a crucificação, encontrado em famoso dicionário bíblico (O Novo Dicionário da Bíblia, ed. São Paulo, Vida Nova, 2006, p. 304):

(...) Dentre as tentativas feitas para determinar o ano da crucificação, a mais frutífera tem sido feita com a ajuda da astronomia. De conformidade com todos os quatro evangelhos, a crucificação teve lugar numa sexta-feira; mas enquanto que nos sinópticos essa sexta-feira é 15 de Nisã, em João é 14 de Nisã. Portanto, o problema que tem que ser solucionado com a ajuda da astronomia, é o de determinar em qual dos anos 26 – 36 d.C. é que 14 e 15 de Nisã caíram numa sexta-feira. Mas, visto que nos tempos neotestamentários o mês judaico era lunar, e o tempo do seu início era marcado pela observação da lua nova, esse problema é basicamente o de resolver quando a lua nova se tornou visível. Estudando esse problema, Fotheringham e Schoch chegaram cada qual a uma só fórmula mediante cuja aplicação descobriram que 15 de Nisã caiu numa sexta-feira somente no ano 27 d.C., e que 14 de Nisã caiu numa sexta-feira somente nos anos 30 e 33. Visto que o ano de 27 como ano da crucificação está fora de questão, a escolha recai entre os anos 30 d.C. (7 de Abril) e 33 d.C. (3 de Abril). (...).

Portanto, usando todos os recursos e métodos da moderna pesquisa histórica, pode-se afirmar que a crucificação teria ocorrido no dia 7 de Abril do ano 30 d.C. ou no dia 3 de Abril do ano 33 d.C..

A opção por qualquer destas datas não isenta o pesquisador de responder a objeções fundadas. É nesse ponto da pesquisa que julgamos conveniente conjugar o esforço humano e revelação espiritual, numa operação chamada por Allan Kardec de ‘fé raciocinada’.

Nesse sentido, dois textos encontrados na obra psicográfica de Francisco Cândido Xavier, chamam nossa atenção:

“(...) Nos primeiros dias do ano 30, antes de suas gloriosas manifestações, avistou-se Jesus com o Batista, no deserto triste da Judeia, não muito longe das areias ardentes da Arábia (...) (Boa Nova, pelo Espírito Humberto de Campos, ed. FEB Rio de Janeiro, 2002, cap. 3, p. 25).

“(...) Aproximava-se a Páscoa no ano 33. Numerosos amigos de Públio haviam aconselhado a sua volta temporária a Jerusalém, a fim de intensificar os serviços de procura do filhinho, no curso das festividades que concentravam, na época, as maiores multidões da Palestina (...). De uma sala contigua ao seu gabinete, notou que Públio atendia a numerosas pessoas que o procuravam particularmente, em atitude discreta; e o interessante é que, segundo as suas observações, todos expunham ao senador o mesmo assunto, isto é, a prisão inesperada de Jesus Nazareno – acontecimento que desviara todas as atenções das festividades da Páscoa, tal o interesse despertado pelos feitos do Mestre, em todos os Espíritos (Há 2000 anos, espírito

Emmanuel, ed. FEB 2002, Primeira Parte, cap. VIII – No grande dia do Calvário, p. 133/136).

Assim, consoante a revelação espiritual contida na obra de Francisco Cândido Xavier, Jesus iniciou seu ministério no ano 30 d.C. e foi crucificado no ano 33 d.C., após iniciadas as festividades da Páscoa na Palestina daquela época (A festa da Páscoa começa no crepúsculo de sexta-feira (14 de Nisã), ou seja, no início de sábado (15 de Nisã), uma vez que os judeus contavam o dia a partir das 18 horas. Essa festa durava uma semana, findando no sábado seguinte (22 de Nisã).

A crucificação de Jesus se deu em Abril/Maio do ano 22 d.C., ao passo que Pentecostes (Atos 2) ocorreu cinquenta dias depois daquela data. Ainda nesse ano, Pedro discursou no Templo de Jerusalém (At 3:1 – 4:31). (...).

HAROLDO DUTRA DIAS

(In: Parábolas de Jesus – Texto e Contexto, 1ª ed. FEP (Federação Espírita do Paraná), Curitiba. Paraná, 2011).

*

MOMENTO DE KARDEC

Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para dominar as suas más inclinações.

*

APRENDENDO COM AS EPÍSTOLAS

Porque nenhum de nós vive para si (14:7)

É verdade que o egoísmo é ainda muito acentuado, na fase evolutiva actual. Todavia, “nenhum de nós vive para si”, como diz Paulo. Estamos ligados, uns aos outros, de alguma maneira; por razões familiares, sociais, económicas, afectivas, que nos unem, estabelecendo interesses recíprocos, com maior ou menor intensidade, mas de modo constante.

O homem é um ser social e o anacoreta é uma excepção. Todos nós vivemos em função uns dos outros, servindo ou sendo servidos, directa ou indirectamente.

Nem poderia ser diferente, porquanto o desenvolvimento espiritual não ocorre no isolamento. O conceito religioso medieval de isolamento, como meio de fugir às tentações do mundo, não passa de disfarçado egoísmo, tolhendo a oportunidade de exercitar as virtudes cristãs, o que só será possível em contacto com o semelhante, no convívio social.

LUIZ RODRIGUES DA CRUZ

(In: Aprendendo com as Epístolas, ed. FEESP Federação Espírita do Estado de S. Paulo), Outubro 1995).

*

MEU CRISTO

Neste mundo,
Há muitos Cristos:
De várias formas,
De várias cores, de vários tamanhos,
Cristos feitos, Cristos inventados,
Cristos moldados, Cristos deformados,
Cristos tristes, Cristos desfigurados.
Há Cristos para cada gosto,
Cada interesse,
Cada objectivo, cada projecto.
 Há o Cristo das belas artes:
 Um motivo, como tantos outros,
 Para expressar uma forma,
 Ou exhibir uma escola,
 Pelo próprio homem criada.
 É Cristo para se ver,
 Apreciar ou criticar,
 Para exaltar o autor,
 Seu talento, sua invencionice.
 É um Cristo despido de autoridade,
 Sem expressão, sem divindade.
Há o Cristo da literatura,
Da prosa, do verso,
Da forma, do estilo,
Do livro famoso,
Do 'best-seller'.
É um Cristo pretexto,
Que serve de texto,
Dentro de um contexto,
Que ajuda o seu autor

A facturar mais,

A ser mais lido e procurado.

Há o Cristo das cantigas:

Deturpado, maltratado,

Irreverentemente tratado,

Aparece na crista das ondas,

Estoura nas paradas,

É cantado nos salões,

E circula, aos milhões,

Como mercadoria,

Para enriquecer as empresas.

É um Cristo de algibeira,

Fabricado como produto de consumo.

Há até o Cristo

Do cinema e do teatro.

Sucesso de bilheteira...

É a expressão da arte moderna

Fazendo caricatura

Da maior personagem da história:

É o Cristo para espectáculo,

Para os olhos, para os ouvidos,

Para o lazer e a higiene mental.

Há o Cristo dos teólogos,

Difícil de entender,

Complicado.

É Cristo para os eruditos,

Para cultos, privilegiados.

É só para ser discutido,

Dissecado, analisado,

E aceite intelectualmente.

Não modifica, não transforma

Não regenera, não muda.

É Cristo aristocrata, de elite.

Há também, infelizmente,
O Cristo de certos cristãos,
Que ainda o têm no túmulo.
É o Cristo crucificado,
Morto e sepultado,
E ainda conservado
Na tumba dura e fria.
É um Cristo que não vive,
Porque seus adoradores
Ainda estão mortos,
E não despertaram
Para uma vida nova,
A vida pró próprio Cristo,
Da qual lamentavelmente
Ainda não se apossaram.

O meu Cristo não é nenhum desses.
O meu Cristo é o filho de Deus,
Que foi encarnado,
Viveu, sofreu, foi condenado,
Morto e sepultado,
Por causa dos meus pecados.
O meu Cristo não ficou preso
Na sepultura escura:
Ele ressuscitou, subiu aos céus,
E reina, à direita do Pai.
O meu Cristo é respeitado e admirado,
Cultuado, adorado,
Porque está vivo, bem vivo!
O meu Cristo vive nas palavras que proferiu.
O meu Cristo vive nos ensinamentos que deixou.
O meu Cristo vive nos actos que praticou.
O meu Cristo vive na obra que realizou.
O meu Cristo vive nas almas que Ele salvou.
O meu Cristo vive eu sei bem disso,

E não tenho nenhuma dúvida.
O meu Cristo VIVE EM MIM!

THIAGO ROCHA

(In: Revista Espírita Portuguesa já desaparecida 'Estudos Psíquicos',
Julho de 1977).

*

UM SÓ REBANHO...

Ao tempo, na Galileia, terra de agricultores, os lavradores regressavam dos seus trabalhos com as ferramentas aos ombros. Os pastores conduziam diante de si os rebanhos pelas ruas da cidade, para dentro do redil.

Os remediados possuíam o seu próprio aprisco. Para os pobres existiam, em localidades diversas, currais destinados a abrigar, em comum, os rebanhos que voltavam das pastagens vizinhas. Uma cerca de taipa fechava o recinto. Os donos dos rebanhos revezavam-se na sua guarda, fazendo vigílias que correspondiam a espaços de três horas.

Ao romper do dia vinham os pastores ao redil, e chamavam as suas ovelhas que, pelo nome ou assobio peculiar logo os seguiam, agrupando-se em torno do seu pastor. Conheciam-lhe o timbre da voz. O pastor punha-se à testa do rebanho e conduzia-o para os ricos campos, que ficavam para as bandas de Beth-Sahur ou às planícies de Esdreton.

De vez em quando, um ladrão saltava a cerca, traindo a vigilância do guarda, furtava algum cordeirito e fugia...

Quantas vezes Jesus não presenciara estas cenas bucólicas na terra natal?!

Como costumava, na sua Pedagogia, utilizar-se das coisas concretas, para elucidar verdades espirituais, numa dessas tardes começou a tecer lindos comentários sobre o seu carácter e a sua Missão de Pastor de almas:

Em verdade, em verdade vos digo que quem não entra pela porta, mas por outro lado, é ladrão e salteador. Só quem entra pela porta do redil, esse é o pastor das ovelhas. A este, o porteiro abre-lhe a porta e as ovelhas ouvem a sua voz. Ele chama pelo nome das que são suas e leva-as para fora e segue adiante delas e elas o seguem, porque lhe conhecem a voz. Ao estranho, fogem dele, porque não conhecem sua voz.

Depois da descrição real de cada dia, em que o sentido espiritual já alegoricamente nele se patenteia, o Amoroso Amigo levanta um pouco o véu e afirma:

Eu sou a Porta para as ovelhas. Todos os que vieram foram ladrões e salteadores, e as ovelhas não lhes prestaram ouvidos.

Não condena, o Divino Pastor, todos os pastores (guias espirituais) de Israel (Moisés e os Profetas da Lei Antiga), mas os chefes espirituais do seu tempo, guias cegos e mercenários interesseiros, que não entravam no reino do céu nem deixavam entrar...

Qual o pasto espiritual (conhecimento das leis divinas ou naturais), que ofereciam às pobres ovelhinhas (almas)? Ele não passava da palha seca das suas humanas tradições. Viviam em questiúnculas

estéreis, expressões pedantescas em torno da letra da Lei Antiga (Velho Testamento). A verdade (o sentido profundo da Lei), que deveria despertar as consciências e iluminar os corações, chamando as almas à compreensão da vida espiritual e à sua moralização, sucumbia asfixiada ao peso das formalidades exteriores...

O Pastor Sublime, perante o rebanho carente, confrangia-se com aquela penúria e desorientação...

Eu sou a Porta, quem entra por Mim se salvará; entrará, sairá, e encontrará pastagens. O ladrão não vem senão para matar e destruir. Eu vim para que tenham a vida em abundância... Eu sou o Bom Pastor. O Bom Pastor dá a própria vida pelas suas ovelhas... O mercenário, porém, que não é pastor e ao qual não pertencem as ovelhas, vê chegar o lobo e foge e o lobo dispersa e arrebatam as ovelhas. O mercenário foge porque não tem interesse nas ovelhas. Não as ama.

Eu sou o Bom Pastor. Eu conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem a Mim, como meu Pai e como EU O conheço. Eu dou a vida pelas minhas ovelhas...

Tenho ainda umas outras ovelhas que não são deste aprisco... Também a essas devo trazer e ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor.

*

Análise:

Habitados à pluralidade dos conceitos e à diversidade dos caracteres dos indivíduos fica-nos a dúvida, face à possibilidade ou não da harmonia das almas, na obediência ao mesmo princípio, na ascendência ao nível evolutivo, que a similitude de pensar e sentir seja

uníssona à voz do Excelso Pastor das nossas almas, director abnegado dos nossos destinos.

As religiões tradicionais, cada uma com os seus pontos de fé, os seus rituais, embora perspectivando a orientação dos seus profítes no rumo dos valores morais, persistem no alheamento do sentido profundo da vida espiritual, antagonizadas com a razão e o bom senso.

Se, por um lado, chamam os fiéis a seguirem a mensagem evangélica, pelo outro falham no aparato, na falta de substância e fundamento lógico e racional dos seus dogmas, de que continuam a fazer ponto essencial da sua doutrina ou seus artigos de fé (servem a palha seca que as ovelhas ruminam mas as deixa desnutridas para a efectivação do seu crescimento essencial). A voz do Pastor Sublime é confundida pela mundanidade dos zeladores do Templo e inapercebida pelos ouvidos moucos dos incautos pastores ‘encarregados’ de conduzirem o rebanho. Por isso, oferecem às ovelhas (almas) as miragens do céu e do inferno, a ilusão do juízo final e a salvação pelo sangue derramado por Jesus, que nos redime do pecado, numa asfixia da visão mental que lhe impede a penetração do alimento divino (pão do espírito, a Verdade), favorecendo a desertificação das consciências. Os factos que cientificam a imortalidade e consubstanciam a vida futura, pedra angular do Evangelho e fundamento da fé racional, são obra do ‘demónio’ ou se enquadram no equívoco do sobrenatural.

As filosofias da existência, desprezando a história e os dados científicos, não atinaram com a essência das coisas. Criaram rebanhos esparsos (grupos de pessoas subordinadas aos seus sistemas), ouviram-se os balidos dos cordeiros, mas perderam-se nos matagais da vida física, à mercê dos ladrões da fé, do bom senso e da razão, vítimas dos lobos do egoísmo e do orgulho que lhes sugam a vitalidade espiritual, amarrando-os aos umbrais da ilusão, em perfeita anestesia mental. O Espírito que vivifica, no amor de Deus, consolo dos aflitos, esperança

dos sofreadores que tonifica a fé e liberta as consciências, perdeu-se nos emaranhados dos sistemas.

O materialismo, que vê contados os seus dias, tem a vantagem de mostrar ao homem o seu engano, ao mergulhar-se no efémero, no transitório, fazendo-o compreender a importância da vida, a necessidade de Deus, o sol das nossas almas. Essa ‘aberração de inteligência’, eclipsando a razão, ofuscou a visão espiritual ao homem, afastando-o da finalidade essencial da vida, deixando-o sem remédio para as angústias existenciais.

Entretanto, afirmam os Espíritos: *‘O Espiritismo, com efeito, oferece-nos a perspectiva do futuro, sob uma face nova e mais ao nosso alcance; por ele a felicidade está mais perto de nós, ao nosso lado, nos Espíritos que nos cercam e que não cessam de entreter relações conosco’*. A habitação dos eleitos e dos condenados não são mais separadas, antes há constante solidariedade entre o céu e a Terra, entre todos os mundos do Universo. A felicidade consiste no amor recíproco de todas as criaturas elevadas à perfeição e numa constante actividade, cujo fim é instruir e guiar para aquela perfeição os que ainda estão atrasados. A ignorância, o inferno, as causas das acções sub-reptícias, residem no próprio indivíduo, que encontrará o castigo em seu próprio remorso. Tudo isso é transitório, porquanto entrando nas vias de renovação, do arrependimento, o Espírito parte à conquista dos valores que, antes, desprezara. Sente na alma a esperança, a sublime consolação dos infelizes, e o ignorante se faz sábio, o perverso santo, o feio belo.

No trabalho do crescimento espiritual, utilizando os benefícios e meios que Deus coloca à sua disposição, o Espírito, através das idades, nascendo e renascendo, espanca com o cajado do amor os lobos da insensatez e, munido da sublime sabedoria da Vida Maior, far-se-à o arauto da paz, da concórdia, da harmonia, do bem, da verdade, da beleza. Encontrou a ‘porta’ e as pastagens de luz se lhe fizeram abundantes.

Os rebanhos dispersos convergiram, por que constituídos agora

de ovelhas esclarecidas e fortalecidas no amor recíproco com que homenageiam o Bom Pastor, seguem adiante, até aos cumes da elevação maior, constituídas num só rebanho e um só pastor.

AGUILAR DE ANDRADE

(In. Revista de Espiritismo, da Federação Espírita Portuguesa, 1º Trimestre de 1990).

*

UMA MENSAGEM

Muita Paz, muita Paz para todos.

Aceitamos sempre a maneira de ser de cada um porque, mediante as ideias que tenham na Terra, podem chegar a este lado da Vida apresentando factos contrários àquela Verdade que Jesus ensinou, embora baseados nessa mesma Verdade, e isso leva-nos a pensar na afirmativa do Consolador quando afirmou que, um dia, a Religião haveria de ser única – e terá que ser assim, para que todos se entendam e todos percebam que, da mesma maneira que Deus é Único, as ideias que Jesus transmitiu quando na Terra são únicas também.

Não vale a pena quererem metamorfoseá-las com palavras diferentes, com frases diferentes, com ensinamentos diferentes, por que tudo tem que ser igual.

Quando Jesus diz que tudo tem que ser igual, devemos compreender que os doentes são os da alma e não os doentes acamados em hospitais ou em outro qualquer lugar. Todos têm que perceber, sem metáforas de qualquer espécie, que Jesus quando falava em pastores e em ovelhas está a referir-se a Ele como Pastor de todas as ovelhas que somos nós, e perdidas são aquelas que se afastam, aquelas que não querem seguir os seus ensinamentos, aquelas que se acham superiores a

tudo e a todos. Depois de o compreendermos, pensamos: Jesus já esteve na Terra há alguns séculos, séculos que deste lado da Vida passam a correr e não da mesma maneira que aí, onde vos encontrais, mas, analisando o Tempo, temos de perguntar também, o que é o tempo? O que significa ele para cada um? Há o tempo de criança, o tempo de jovem, o tempo de adulto, o tempo de idoso; há o tempo de rir e o tempo de chorar; o tempo de aprender e o tempo de ensinar. Tudo é tempo na vida de cada um; tudo é tempo, para preparar uns e outros, conforme o interesse desses uns e outros, em se tornarem melhores, em seguirem os ensinamentos do Messias – o Enviado.

Cada um, meus filhos, está na Terra porque foi imperfeito, porque é ainda imperfeito, mas se pudesse recuar no Tempo – e lá estamos nós a falar do tempo! – reconheceria que há muitos séculos atrás foi bem pior do que é hoje. Portanto, já ganhou tempo, já ganhou tempo de aprendizado, tempo de modificação, tempo de esperança – a esperança que se vai sempre concretizando em melhores momentos de Paz e Luz, conforme cada um possa transformar o Ser ainda imperfeito que é naquele outro um pouco melhor, sempre melhor e melhor, até conseguir a pureza para que o Senhor o criou.

Então, quando afirmam que são imperfeitos, para desculparem as atitudes que têm, não ponham orgulho nessa afirmativa, ponham antes humildade e pena – dó -, porque quanto mais dó tiverem de vós próprios mais rapidamente, com certeza, procurarão transformar, modificar essa imperfeição em perfeição.

Nestes momentos de aprendizado que nós temos, com uns e com outros – com os que já deixaram a Terra, com aqueles que estão a deixar-se ajudar nas imperfeições que manifestam, na ignorância das suas situações, também há Escola, também há aprendizado, também há estudo. Cada um, que esteja atento, não só ao que diz mas ao que escuta, na situação em que se apresentem, porque na maneira de ser de todos está gravado o exemplo maior para a modificação que cada um ainda tem que fazer. Somos todos aprendizes do Mestre Maior que foi à Terra para nos ensinar. Somos todos aprendizes da Vida, dessa mesma Vida que nos vai dando lições que são hoje mais simples, amanhã mais

concretas, depois mais esclarecedoras, conforme a maneira como uns e outros a formos vivendo. Assim, meus filhos, aproveitai a oportunidade: lembrai-vos de que estais aí na Terra enquanto o Senhor o quiser.

Aproveitai o Tempo, aproveitai e partilhai com uns e com outros os ensinamentos que vão chegando até vós. Meditai. Não sejais espíritas apenas enquanto estejam dentro de uma Casa Espírita. Sêde espíritas as 24 horas do dia. Eu, por vezes, falhei nesse ponto e deste lado tive que aprender muito, até o ser de maneira diferente daquela em que estava agindo na Terra. Aprendei com aqueles que vos falam, com aqueles que vos ensinam, com aqueles que chegam até vós e dizem: - “Pensai, pensai bem na vossa situação. Pensai naquilo que aprendeis e naquilo que fazeis.”

Sêde bons alunos e o Senhor vos abençoará.

ANTÓNIO JOAQUIM FREIRE.

(Mensagem recebida na reunião mediúnica de 18/Dezembro/019).

NOTA: António Joaquim Freire, quando na Terra, foi médico e um dos sócios fundadores da primitiva Federação Espírita Portuguesa. Para maiores referências, leia-se a obra **MEP E ALGUNS VULTOS** – uma tentativa histórica do Movimento Espírita Português no nosso País, da autoria da Directora desta Revista.

*

O TEMPO

“Aquele que faz caso do dia, para o Senhor o faz”.

- PAULO (Romanos, 14:6)

A maioria dos homens não percebe ainda os valores infinitos do tempo. Existem, efectivamente, os que abusam dessa concessão divina. Julgam que a riqueza dos benefícios lhes é devida por Deus.

Seria justo, entretanto, interrogá-los quanto ao motivo de semelhante presunção. Constituindo a Criação Universal património comum, é razoável que todos gozem as possibilidades da vida; contudo, de modo geral, a criatura não medita na harmonia das circunstâncias que se ajustam na Terra, em favor de seu aperfeiçoamento espiritual.

É lógico que todo homem conte com o tempo, mas, se esse tempo estiver sem luz, sem equilíbrio, sem saúde, sem trabalho? Não obstante a oportunidade da indagação, importa considerar que muitos raros são aqueles que valorizam o dia, multiplicando-se em toda a parte as fileiras dos que procuram aniquilá-lo de qualquer forma.

A velha expressão popular “matar o tempo”, reflecte a inconsciência vulgar nesse sentido. Nos mais obscuros recantos da Terra, há criaturas exterminando possibilidades sagradas. No entanto, um dia de paz, harmonia e iluminação é muito importante para o concurso humano, na execução das leis divinas.

Os interesses imediatistas do mundo clamam que “o tempo é dinheiro” para, em seguida, recomencem todas as obras incompletas na esteira das reencarnações... Os homens, por isso mesmo, fazem e desfazem, constroem e destroem, aprendem levianamente e recapitulam com dificuldade, na conquista da experiência. Em quase todos os sectores de evolução terrestre vemos o abuso da oportunidade complicando os caminhos da vida; entretanto, desde muitos séculos, o apóstolo nos afirma que o tempo deve ser do Senhor.

EMMANUEL

(In: CAMINHO, VERDADE E VIDA, ed. FEB, R.J., cap. 1).

PROPOSTA PARA O NOVO ANO

Considerando que apesar de sermos todos Espíritos Milenares, continuamos sempre a repetir os mesmos erros – ou quase – depois que Jesus veio à Terra para nos ensinar o caminho para o Pai;

Considerando que a sua recomendação “*Amai-vos uns aos outros como EU vos ameï*” se encontra – senão totalmente – muito parcialmente esquecida;

Considerando que a Terra se está a transformar, gradualmente, de Planeta de dor e expiação em Planeta de Regeneração;

Considerando que todos nós, seus habitantes, desejamos acompanhar a evolução terrena sem sermos expulsos para um planeta inferior – pelo menos assim o pensamos;

Propomos, a todos os que nos lerem, que

Neste ano, cada um faça um esforço maior para mais e mais se modificar, usando o livre arbítrio que o Senhor nos concedeu para se tornar, cada vez mais, um **HOMEM NOVO**, pondo de parte definitivamente o **HOMEM VELHO** carregado de vícios e defeitos seculares como o tem sido ao longo dos séculos.

Esperamos concordância.

*

